

Mobilidade Social e Acesso a Direitos na Região Metropolitana do Rio de Janeiro: Relatório sobre Grupos Focais

ActionAid e Ibase

Rio de Janeiro, Julho/ 2016



(Nuvem de palavras formada por termos mais mencionados
por entrevistados durante grupos focais)

Mobilidade Social e Acesso a Direitos na Região Metropolitana do Rio de Janeiro:

Relatório sobre Grupos Focais

Ibase e ActionAid, Junho/ 2016

Introdução

No âmbito do projeto-piloto “Mobilidade Social e Acesso a Direitos na Região Metropolitana no Rio de Janeiro”, ActionAid Brasil e Ibase realizaram três grupos focais em **abril e maio de 2016** na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Os encontros ocorreram na Cidade de Deus, favela localizada no município do **Rio de Janeiro**; Jardim Catarina, loteamento pobre de grande densidade populacional no município de **São Gonçalo**; e Marajoara, bairro periurbano de **Japeri**, município de menor IDH do estado, localizado na Baixada Fluminense.

Cada grupo focal teve cerca de duas horas de duração e contou com a participação de entre 10 e 19 pessoas, em sua grande maioria mulheres, responsáveis por famílias e beneficiárias do Programa Bolsa Família. Ouvimos um total de 44 moradores. As entrevistas foram conduzidas por uma mediadora e tiveram o apoio de dois relatores de ActionAid Brasil e Ibase. A mobilização ficou a cargo de um morador contratado em cada localidade. Cada entrevistado recebeu 50 reais como pagamento pelo tempo investido.

O objetivo deste projeto é contribuir para a compreensão do processo de mobilidade social na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, reunindo elementos sobre os novos perfis da pobreza e aspirações, considerando as especificidades e trajetórias de mobilidade social e observando o impacto do acesso a serviços públicos sobre a qualidade de vida da população. Os grupos focais abordaram aspectos relacionados à mobilidade social, avaliação sobre a condição de vida atual, comparação com o passado e perspectivas para o futuro, visão sobre o país, crise econômica, aspirações e avaliação sobre serviços públicos (assistência social, educação, habitação, saneamento, saúde, segurança e transportes/ mobilidade).

Locais, datas e participantes:

- **Cidade de Deus:** Grupo focal realizado no Centro de Estudos e Ações Culturais e de Cidadania (CEACC) em 12/04/2016. Participaram 17 mulheres e 2 homens, todos beneficiários do Programa Bolsa Família;
- **Jardim Catarina:** Grupo focal realizado no Grupo Phoenix em 02/05/2016. Participaram 10 mulheres e 5 homens, sendo 11 beneficiários do Programa Bolsa Família e 4 cadastrados no CadÚnico;
- **Marajoara:** Grupo focal realizado no Sindicato Estadual de Profissionais em Educação (SEPE) em 09/05/2016. Participaram 10 mulheres, todas beneficiárias do Programa Bolsa Família.

Mobilidade social

- A maioria dos participantes dos três grupos focais considera que suas condições de vida vinham melhorando na última década, mas registram grande preocupação e pessimismo em relação ao futuro, pois sentem que suas condições sofreram piora no passado recente.

“Agora eu tenho carteira assinada. Melhorou bastante”. (Moradora de Cidade de Deus)

“De uns dois anos para lá, por exemplo, era fácil você procurar um emprego e conseguir. Agora, a gente bate de porta em porta e é muito difícil conseguir emprego. O desenvolvimento da gente parou”.

(Morador de Jardim Catarina)

“Há dois anos atrás você falava assim: 'ah, eu vou comer um bom bife hoje com ovo', você ia pro supermercado, você comprava. Hoje em dia você não compra”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Tenho dois filhos, mãe solteira... tá duro”. (Moradora de Cidade de Deus)

- A crise econômica é um marco concreto: traçam uma perspectiva de que suas vidas – especialmente suas oportunidades de empregabilidade e poder de compra – haviam melhorado na última década, mas que de cerca de dois anos para cá, em consequência da “crise”, tornou-se muito mais difícil conseguir trabalho, os preços de artigos essenciais subiram e a violência nos locais onde vivem aumentou. O desemprego e o medo de ficar desempregado tiveram destaque.

“Hoje em dia, de uns dois anos pra cá tá pior, porque, assim, eu trabalho de diarista de vez em quando e muitas madames estão dispensando, porque a crise chegou para elas também”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Até pra fazer faxina tá brabo”. (Moradora de Marajoara)

“Tô desempregada. Boto currículo, aguardo em casa, e até hoje não me chamaram. Já tem uns dois anos”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Eu acho assim, que economicamente falando, tá muito mais difícil, porque as coisas hoje estão muito mais caras, oportunidades de emprego muito menores e o salário cada vez menor. Então o pouco que a gente conquista, o pouco que a gente tem, a gente não consegue nada”. (Moradora de Jardim Catarina)

- Entre os três municípios pesquisados, entrevistados de Cidade de Deus, no município do Rio de Janeiro, apresentaram percepção mais positiva sobre sua condição de vida. A melhora está frequentemente ligada à conquista de um bom emprego ou da casa própria.

“Minha vida tá estável. Só meu marido que trabalha. A gente saiu do aluguel já faz dois meses”.

(Moradora da Cidade de Deus)

“Tenho carteira assinada, então melhorou bastante”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Não pago aluguel. Já considero uma coisa muito boa não pagar aluguel, né”. (Moradora da Cidade de Deus)

- Não há consenso se suas condições de vida são melhores ou piores de que a de seus pais. Tendem a dizer que suas próprias condições são melhores, porque alguns participantes passaram situações de fome quando criança, que seus filhos não passam; porque foram criados por mães solteiras que viveram dificuldades (Cidade de Deus e Marajoara); etc. O trabalho dos pais “na roça”, no estado do Rio de Janeiro ou no Nordeste é percebido com ambiguidade (Cidade de Deus e Marajoara): alguns consideram um trabalho digno, outros veem que é de muito sacrifício. Alguns afirmam que suas condições de vida estão piores que a de seus pais, pois os pais tinham emprego, por vezes casa própria (um diferencial significativo) e não conviviam com tanta violência.

“Meu pai tem a casa dele. Eu não tenho minha casa própria. Moro de aluguel, meu marido não tá trabalhando e estamos vivendo de bico”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Minha mãe criou cinco filhos sozinha, entendeu? Sem o pai, então bem mais difícil, né. Porque a quando

a gente era criança era tudo mais difícil que hoje”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Por várias vezes nem tinha nada pra dar pra gente comer. Era mamadeira com angu, fubá, que dava”. (Moradora de Marajoara)

“Tinha mais emprego, né? E não era obrigado a trabalhar. Meu pai tinha plantação de aipim, então era mais fácil o emprego pra ele”. (Moradora de Marajoara)

- O grau de expectativa a respeito da qualidade de vida dos filhos variou em cada localidade. No Rio de Janeiro são mais otimistas e foram praticamente unânimes ao afirmar que seus filhos terão melhores condições de vida que as suas, declarando que “se esforçam” para tal, que têm maior comprometimento com sua educação e que seus filhos têm chances de chegar à universidade. Em São Gonçalo, as expectativas são mistas: a maioria acredita que seus filhos terão melhor qualidade de vida, enquanto outros se preocuparam com os efeitos da atual crise econômica, os altos índices de desemprego, a má qualidade da educação e a violência crescente. Já em Japeri, são mais pessimistas e foram quase unânimes ao afirmar que a vida de seus filhos será pior, pois a educação ofertada pelo estado estaria piorando, com greves constantes. Percebem que o município está cada vez mais violento, com tiroteios frequentes e que faltam emprego e oportunidades de cultura e lazer.

“A gente quer que seja melhor, né. Não quer que eles passem o que a gente tá passando”. (Moradora da Cidade de Deus)

“[A vida dos filhos] Vai ser melhor que a dos nossos pais e que a nossa”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Eu creio”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Eu sempre falo assim: Tem que estudar para ter um futuro melhor que o meu, entendeu? Porque hoje pode estudar, fazer curso e a gente não podia, tem várias opções. Não precisa uma menina parar de estudar e viver uma aventura”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Com certeza. Hoje tem mais cursos”. (Morador da Cidade de Deus)

“Acho que vão chegar [à universidade] sim!” (Moradora da Cidade de Deus)

“A crise tá complicada. Tem que melhorar. Só se melhorar muito o país, crescer muito pro nosso caminho desenvolver”. (Morador de Jardim Catarina)

“Na Leonel Brizola quando tem tiroteio não tem aula”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Pra mim a educação tá horrível”. (Moradora de Marajoara)

“O meu filho passou pro 1º ano do 2º Grau. Começou o ano letivo péssimo, porque já começou com greve”. (Moradora de Marajoara)

“Com esse estudo daqui, não chega [à universidade] não”. (Moradora de Marajoara)

Aspirações

- Todas (os) almejam o bem-estar dos filhos. Em geral, os participantes da Cidade de Deus responderam que seu sonho é a felicidade dos filhos, ter uma casa própria, para alguns deixar a Cidade de Deus por conta da violência e, surpreendentemente, fazer ligadura de trompas. Em Jardim Catarina, sonham com “um bom emprego”, com a casa própria e com o fim da violência, ainda que não acreditem que poderão realizar seus sonhos. Em Marajoara, onde quase todas as participantes encontram-se desempregadas, também falaram sobre conseguir trabalho, o futuro dos filhos e demonstraram grande

preocupação com a segurança de suas famílias. Duas participantes disseram que não é possível sonhar e uma participante chegou a se emocionar com a pergunta ao tentar falar sobre os filhos.

“Eu não vou falar que não [vou conseguir]. Tem que pensar positivo”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Criar meus filhos longe daqui () e dar o de melhor para eles, que é o que eles merecem”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Meu sonho é dar o melhor para os meus filhos”. (Morador da Cidade de Deus)

“É o grande sonho da minha vida. Eu vou ter minha casa própria”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Que o meu filho termine os estudos dele para ter um futuro melhor”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Meu sonho é ter uma casa, também dar uma vida melhor aos meus filhos e conseguir fazer uma ligadura de trompas”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Ter uma casa e fazer ligadura”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Ah, meu sonho é conseguir um trabalho bom”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Casa própria”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Eu tenho um sonho, mas acho que é quase impossível: acabar com a violência”. (Moradora de Jardim Catarina)

“O meu também é voltar a trabalhar”. (Morador de Jardim Catarina)

“Trabalho, ver o filho estudando bem, comendo bem, você vendo seu filho num local que você se sinta seguro já é um grande sonho (). É o sonho de todo mundo”. (Moradora de Marajoara)

“É o sonho de todo mundo querer que seu filho saia para brincar na rua e volte com vida (). Eu acho que o nosso sonho não é ficar rico. (...) A gente quer ver nossos filhos, vamos supor, diretor de uma escola amanhã, entendeu? Pessoas mais dignas num país mais digno de se morar, porque não adianta uma mãe se matar de trabalhar e o filho não ter dignidade pra viver”. (Moradora de Marajoara)

“Se não sonhar, desaba”. (Moradora de Marajoara)

“Não tem o estudo pra gente sonhar”. (Moradora de Marajoara)

- Quando perguntados sobre o que precisa mudar no Brasil para sua vida melhorar, falaram principalmente sobre “os políticos lá em cima” e sobre a percepção de que a corrupção na política está generalizada, enquanto “sentem na pele” as consequências. Na Cidade de Deus, o medo da violência também aparece com ênfase.

“Para mim, mudar o governo (). Tipo assim, pode tirar quem quiser, vai por outra pessoa, vai fazer a mesma coisa. Eu acho que melhorando lá, melhora aqui”. (Morador da Cidade de Deus)

“Acabar a violência”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Eles estão lá em cima olhando para eles mesmos. Eles estão desempregados? Estão sem saúde? Sem escola? Não estão, só nossos velhos e nossas crianças”. (Morador da Cidade de Deus)

“Pra mim, pra mudar tem que mudar que tá lá em cima primeiro. Mudar lá em cima, se melhorar lá para cima, melhora cá para baixo”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Eu também penso que o pessoal do governo deveria pensar diferente, né, olhar mais pras classes

trabalhadoras". (Moradora de Jardim Catarina)

"Corrupção, né? Quando isso acabar seria um bom passo, se acabasse". (Moradora de Marajoara)

Capacidade de consumo e estratégias para melhorar ou manter sua condição

- Praticamente todos disseram que a renda que possuem não é suficiente para o sustento da família. A situação é mais vulnerável em Japeri, onde quase todas as entrevistadas sobrevivem apenas com o Programa Bolsa Família e a renda proveniente de alguns "bicos". Dizem que são obrigadas a "se virar" com o pouco dinheiro que têm, sem que haja chance de planejamento.

"A minha saúde financeira está na UTI". (Moradora de Marajoara)

"Compra cada dia, do jeito que pode. Amanhã não existe". (Moradora de Marajoara)

"Hoje, entrou dinheiro, eu vou lá e compro arroz e feijão. Opa, tá faltando sabão, espera aí. Corre atrás e vai lá. E assim vai vivendo". (Moradora de Marajoara)

"Este mês, é assim, dá espremidinho. Mas mês que vem aquele espremidinho não dá mais". (Moradora de Jardim Catarina)

- Nos três grupos, entrevistados disseram que recorrem à ajuda de parentes e vizinhos. Reduzem gastos com comida e atrasam o pagamento de contas como luz e gás (uma participante de Jardim Catarina explicou que há um "limite" no atraso para evitar cortes). Poucos têm crédito em lojas como Casas Bahia e Ponto Frio, e por vezes atrasam suas prestações. Quase ninguém tem acesso a banco ou a cartões de crédito (e alguns disseram ser melhor assim, para evitar maior endividamento).

"Diminui no mercado. Mês que vem eu compro". (Moradora da Cidade de Deus)

"Eu devo minha prima". (Moradora de Jardim Catarina)

"Eu só fico devendo os parentes. A gente se entende depois no final, né?" (Moradora de Marajoara)

"Banco mete a mão". (Moradora de Marajoara)

"Você atrasa tudo. Atrasa uma conta de luz, atrasa qualquer coisa, tem sempre uma coisa atrasada". (Moradora da Cidade de Deus)

"A minha pode atrasar até dois meses. Vou lá e pago". (Moradora de Jardim Catarina)

"Eu tô devendo às Casas Bahia, Delírios, Riachuelo... A senhora quer mais ou posso parar por aqui?" (Moradora de Marajoara)

"Casas Bahia, Ponto Frio e cartão". (Moradora da Cidade de Deus)

- Entre inquilinos, disseram que não podem deixar de pagar o aluguel, pois o despejo é imediato:

"Se não pagar o aluguel, é rua". (Moradora da Cidade de Deus)

- A maior preocupação é de que não falte nada para os filhos:

"Hoje mesmo eu fui lá no mercado, peguei R\$50 emprestado para remédio da minha filhinha".

- Não passam fome, mas precisam desenvolver estratégias para burlar a falta de recursos e garantir a segurança alimentar de suas famílias: na Cidade de Deus, pagam mais caro para comprar fiado com vendedores de cesta básica que passam na porta de casa. Em Jardim Catarina, alguns disseram que não comem mais carne. Vários cozinham "misturas" entre meados e o fim do mês. Dão prioridade à

alimentação dos filhos. Ainda que falem muito sobre as dificuldades recentes ocasionadas pela crise econômica, a maioria diz que “sempre foi assim”.

“Eles vêm na porta [vendedores de cestas básicas]. Aí você pensa ‘ah, é melhor eu comprar’, só que assim você acaba ficando preso. Aí você paga esse mês, o dinheiro que você tem você vai pagar ele. Aí daqui a pouco, aí quando você vai pagar já acabou [a cesta básica] e você tem que comprar de novo”. (Moradora de Cidade de Deus)

“Porque você comprou uma vez você acaba se enrolando naquilo ali”. (Moradora de Cidade de Deus)

“Lá em casa quatro quilos de arroz caiu, feijão caiu para três, então tem que ser menos pra você ir comprar outras coisas, senão não dá”. (Morador de Jardim Catarina)

“Carne nem pensar”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Hoje nós almoçamos bife (...). [Antes] dava para fazer e deixar meus filhos comerem à vontade. Hoje em dia você fala: ‘vou comprar uma linguiça e olhe lá’.” (Moradora de Jardim Catarina)

Efeitos da crise econômica

- Os efeitos da “crise” são graves e latentes, sendo este um assunto que apareceu rápido e espontaneamente em todos os grupos focais, já ao tratarmos a primeira temática do roteiro, sobre mobilidade social.

“Eu não tô sentindo na pele, mas no corpo todo. A senhora podia ver cinco minutos pra eu ter uma conversa particular com a [presidente] Dilma? Cinco minutos só é suficiente (). É que alguém tem que falar com ela, gente, que tá brabo pro nosso lado.” (Moradora de Marajoara)

- Falaram, sobretudo, a respeito da recente perda de emprego por eles próprios e por familiares e das dificuldades para encontrar novas oportunidades de trabalho. Queixaram-se também da alta inflação e do aumento de preços de artigos de primeira necessidade, como alimentos, remédios e artigos para bebês.

“Meus dois filhos estão desempregados”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Meu marido já tá de aviso prévio, porque o dono da empresa falou que não tem condições de ficar com mais ninguém”. (Moradora de Cidade de Deus)

“Para mim eu vejo tudo no mercado, tudo parece mais caro: carne, as coisas para crianças, que os pais nem dá mais para comprar. Eu que tenho bebê, a fralda tá um absurdo”. (Moradora de Cidade de Deus)

- Enquanto na Cidade de Deus e Japeri os telejornais são sua principal fonte de informação, em Jardim Catarina disseram que preferem se informar pela internet e por mídias sociais, pois seriam fontes mais confiáveis.

“Agora o que o jornal mais fala é sobre essa crise”. (Moradora de Cidade de Deus)

“Televisão, às vezes internet também”. (Moradora de Marajoara)

“Eu vejo na televisão”. (Moradora de Marajoara)

“Rede social”. (Morador de Jardim Catarina)

“Passa até mal nas redes sociais, mas eu acho que é mais verdadeiro”. (Moradora de Jardim Catarina)

- Em Japeri, o grupo, composto apenas por mulheres, declarou que é muito comum na localidade que homens fiquem em casa, desocupados, enquanto as mulheres saem para trabalhar. “Eu sou guerreira”,

declarou uma delas.

“Ó, eu entrei naquele [trabalho], ele estava em casa. Eu entrei e saí, peguei o dinheiro pra poder sair do aluguel (, já vou voltar de novo, ele espera eu sair... [Diz que] 'é por causa da crise'. Deixa ele, eu tenho orgulho de mim. () Ele depende de mim”. (Moradora de Marajoara)

Serviços públicos

- Os grupos tiveram dificuldades em listar espontaneamente os serviços públicos disponíveis em seus bairros. Quando o fazem, cada serviço vem acompanhado de comentários sobre sua má qualidade, como “tem DPO, mas os bandidos metralharam” (Japeri); “posto de saúde é fachada” (Japeri); “é tudo precário” (São Gonçalo).

“O posto de saúde é o mesmo que estar fechado, porque se você vai fazer um exame, quando o exame vem, o resultado dele já não vale mais”. (Moradora de Marajoara)

“Às vezes nem tem médico, põe enfermeiro para cuidar”. (Morador de Cidade de Deus)

“Tem [DPO], mas é mesma coisa que nada”. (Moradora de Marajoara)

“Os alunos vêm a pé, porque os motoristas não tão parando”. (Moradora de Marajoara)

“Tenho que botar um saco [no pé] para chegar no ponto de ônibus”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Não tem esgoto. É sumidouro”. (Moradora de Marajoara)

“Na maioria das casas, [a água] vem do poço”. (Morador de Jardim Catarina)

“Falta professor”. (Moradora de Cidade de Deus)

Habitação

- Nas três localidades, a maioria dos participantes está satisfeita com suas casas, mas reclama da precariedade da oferta de serviços públicos, especialmente da segurança pública, reforçando a analogia que da “porta de casa para dentro” a situação está melhor que da “porta de casa para fora”.

“Com a casa estou satisfeita, mas o lugar onde eu moro, não gostaria de morar”. (Moradora de Cidade de Deus)

“Eu gosto da casa, o lugar que é o problema, porque o que tem na frente [de casa] não é apropriado”. (Moradora de Cidade de Deus)

- Apesar das inúmeras e legítimas reclamações, a relação de apego e carinho com seus bairros e vizinhança é forte. Gostam de viver onde estão e não desejam mudar. Houve exceções na Cidade de Deus, onde alguns participantes revelaram desejo de mudança em consequência da violência e situações precárias de habitabilidade (um vive em barraco, outra na casa de parentes).

“A questão não é não gostar do lugar, a questão é não gostar do que acontece no lugar”. (Moradora de Cidade de Deus)

“Tem violência, mas com toda dificuldade aqui é um lugar que ainda está mais calmo”. (Moradora de Marajoara)

“O nosso benefício aqui é que não morre quem não tá devendo. Se você tiver na sua casa, se não tiver envolvida, você tá livre”. (Moradora de Marajoara)

“Eu prefiro ainda ficar porque sou nascida e criada. A vizinhança me conhece. Se você vai pra longe, ninguém conhece”. (Moradora de Marajoara)

“Eu sou nascida e criada aqui e não largo meu bairro por nada”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Só saio pro cemitério”. (Moradora de Jardim Catarina)

- Ainda que a violência existente nestes locais seja constantemente apontada como um fator de grande preocupação para com os filhos, os grupos prosseguiram em tom de defesa e orgulho de seu local de moradia. Confirmando laços de afetividade com os bairros onde vivem, tendem a pensar que estes são bons lugares para criar seus filhos.

“Em relação a outros lugares que a gente conhece (...), eu acho que o Jardim Catarina é um bom lugar sim”. (Moradora de Jardim Catarina)

“O bom daqui é que é cidade pequena. Ai, se você vê o filho dela fazendo alguma coisa (...), [mesmo] o filho de alguém que a gente não conhece, eu boto pra casa. Eu sou a primeira a botar, mesmo se o filho não é meu”. (Moradora de Marajoara)

“Acaba um cuidando do filho do outro”. (Moradora de Marajoara)

- Entrevistados de Cidade de Deus e Jardim Catarina revelam que sentem preconceito ou preocupação por parte de amigos, familiares e até mesmo de empregadores por viverem em locais tidos como violentos. Muitos consideram que o preconceito seja infundado e voltam a defender seus locais de moradia. Uma entrevistada contou que seus familiares, que vivem no subúrbio do Rio, estão fazendo uma poupança para tirá-la da Cidade de Deus. Em Marajoara, dizem que percebem o preconceito por viverem em um lugar com algumas características rurais.

“É um lugar pequeno, sobre isso”. (Moradora de Marajoara)

“Saem daqui com nojo”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Eu já perdi serviço por conta de morar aqui. Não aceitam”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Eles [familiares] moram em Bento Ribeiro, então lá você não vê essas coisas assim. Quando eu fui morar na casa da minha avó, eles ficaram desesperados (...), porque onde minha avó mora, a boca é assim, lá na esquina”. (Moradora de Cidade de Deus)

- Cidade de Deus, na zona oeste do município do Rio, é a localidade pesquisada mais próxima a oportunidades de emprego, segundo percepção dos moradores. Apontam locais muito próximos, como a Barra da Tijuca, Recreio, bairros de Jacarepaguá e o BRT que liga a comunidade ao Centro da cidade como fontes de emprego. Moradores de Jardim Catarina encontram mais oportunidades de trabalho no centro de São Gonçalo, em Niterói, Alcântara e por vezes no município do Rio, mas ressaltam que o deslocamento para estes locais é caro e demorado. Tinham expectativa de que o complexo petroquímico do Comperj em Itaboraí pudesse gerar empregos, mas suas obras estão interrompidas. A situação é mais dramática em Marajoara: ainda que exista um polo industrial muito próximo ao bairro, informaram que as fábricas não contratam moradores por não serem suficientemente qualificados e que as fábricas tendem a reduzir benefícios quando se instalam no município. Falaram sobre a possibilidade de trabalho doméstico e na construção civil no município Rio de Janeiro, mas a distância e a precariedade do transporte público faz com que percam cerca de seis horas por dia em deslocamento.

“Tem Barra, Recreio, Freguesia. E o Centro que hoje tem essa Linha Amarela. O trânsito tá mesmo um caos, mas é até perto”. (Moradora de Cidade de Deus)

“Tem que ir pra longe, não adianta. Trabalho aqui não acha. Faxina só na Barra, Tijuca...” (Moradora de Marajoara)

“Eu sai no meio da semana, fui procurar serviço. Eu saí de casa eram 4h da manhã, eu consegui chegar no Centro da cidade 7h da manhã”. (Moradora de Marajoara)

“Eu sou muito sincera: eu gosto de trabalhar, mas eu não tenho essa disposição”. (Moradora de Marajoara)

“Niterói é perto”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Tem essa dificuldade da gente ter que sair daqui pra outra localidade, porque tem uma passagem cara e muito engarrafamento”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Se o Comperj ainda tivesse realmente ativo...”. (Morador de Jardim Catarina)

- Frequentam os centros de seus municípios ou a “cidade formal” (no caso da Cidade de Deus) apenas para trabalhar e para ir a bancos e comércios, mas não para oportunidades de lazer ou atividades culturais. Na Cidade de Deus, não visitam nem mesmo a praia da Barra da Tijuca, tão próxima, reforçando a ideia de uma “integração subordinada” da favela ao “asfalto”. No bairro há, segundo entrevistados, muitos cursos e atividades esportivas para crianças e jovens promovidos por ONGs. A situação parece ser mais precária em Marajoara, bairro pobre e periurbano localizado em um município com poucas oportunidades de cultura. Em Jardim Catarina, falaram sobre shoppings e cinema nos grandes centros urbanos. Queixam-se da falta de atividades culturais em São Gonçalo. Há aulas esportivas para crianças, mas não são gratuitas (dizem que quando é gratuito não é valorizado pelos moradores).

“A minha filha faz balé no CRJ <dizer o que é> e meu filho joga futebol”. (Moradora de Cidade de Deus)

“Lá no CRJ tem isso tudo. Ginástica, tem curso de inglês”. (Moradora de Cidade de Deus)

“Aqui tem uma ONG só de música. As crianças foram tocar na orquestra sinfônica lá na cidade”. (Moradora de Cidade de Deus)

“[Passeios culturais] é só nas escolas, para as crianças”. (Morador de Cidade de Deus)

“Quando tem renda, sai. Pro cinema, pro shopping”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Uma vez por ano eu vou ao cinema e já tá muito bom”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Por incrível que pareça, Itaboraí é uma cidade menor que São Gonçalo e existe um teatro municipal e dentro de São Gonçalo não existe”. (Morador de Jardim Catarina)

“Não tem nada. Nada, nada, nada”. (Moradora de Marajoara)

“Tem uma pracinha ali no Mucajá, mas chega lá e tá tudo quebrado. Vai lá pra ver. Mas as crianças estão lá”. (Moradora de Marajoara)

“Pra criança faz um cachorro-quente bate-entope”. (Moradora de Marajoara)

“Quando a gente paga uma conta [no centro de Queimados, município vizinho], eu levo eles pra lá, ‘vamos comer um docinho com a mamãe’. Pra pagar uma dívida, né, aí eu dou um lanchinho no Mc Donald’s ou no Bob’s e venho pra casa”. (Moradora de Marajoara)

“Minha filha fica na frente do computador (...). Pelo menos sei onde tá, tá dançando, porque no fundo você não pode sair”. (Moradora de Marajoara)

- Dentre todos os entrevistados, apenas três participantes do grupo focal de Jardim Catarina participam de grupos ou associações comunitárias. Na Cidade de Deus dizem que preferem “não se envolver” para “evitar confusões” e em Marajoara apenas uma entrevistada sabia da existência de uma associação de moradores. Outra participa de atividades organizadas pelo CRAS. Em todos, alguns participam de grupos neopentecostais.

“Eu faço parte do Centro Comunitário do Jardim Catarina”. (Moradora de Jardim Catarina)

“É só panelinha”. (Moradora de Cidade de Deus)

“Eu não quero nem me envolver. É um problema sério”. (Moradora de Cidade de Deus)

“Eu tô fora, fico só olhando. Melhor você ficar longe”. (Morador de Cidade de Deus)

“Não tem aqui”. (Moradora de Marajoara)

“Tem um rapaz que tá batendo nisso, mas muito gente não se manifesta”. (Moradora de Marajoara)

“Eu participo lá no CRAS (...) toda quarta-feira. (...) Eu aprendo a fazer artesanato”. (Moradora de Marajoara)

“Nós somos convidados pra ir em outras igrejas e tem também o dos adolescentes. (...) Eu canto louvores”. (Moradora de Marajoara)

Assistência Social

- Dentre todos os serviços públicos tratados, é possível afirmar que, nas três localidades, a Assistência Social com o atendimento prestado por meio do CRAS é o mais bem avaliado. Destacam que atendentes e assistentes sociais são cordiais e que não há filas.

“É a única coisa que funciona”. (Moradora de Marajoara)

“Chega lá, tudo limpinho, aguinha gelada. As meninas são bem educadas, atendem a gente na maior paciência”. (Moradora de Marajoara)

“Elas fazem tudo na medida do possível, né. É o máximo possível”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Pra mim o atendimento é ótimo, eles atendem tranquilo”. (Morador de Cidade de Deus)

“Lá não tem fila. A hora que chega o atendimento é excelente”. (Morador de Cidade de Deus)

- Percepções acerca do serviço de Assistência Social estão fortemente ligadas ao Programa Bolsa Família. Alguns fazem referência também a outros programas de transferência de renda. O impacto dos recursos pagos pelo Programa Bolsa Família é significativo em suas vidas. O benefício social é gasto principalmente na compra de alimentos e artigos para os filhos. Em Marajoara, bairro mais pobre dentre os pesquisados, o programa era a única fonte de renda de diversas participantes, que já o recebem há muitos anos (algumas desde seu lançamento).

“Alimentação. Quando tá chegando o final do mês, ajuda a gente no que tava faltando. Se não fosse [o Bolsa Família], a gente não ia ter, né?” (Moradora de Marajoara)

“Compro o remédio que falta. Medicamento é essencial, né”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Nas coisas das crianças”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Quando no final do mês não tem dinheiro para comprar nada...” (Moradora da Cidade de Deus)

“Comprar remédios da minha filha, comprar um gás, pagar uma luz, alimentação...” (Moradora de Marajoara)

“Eu não recebo muito não, mas me ajuda. É mais pras crianças”. (Moradora de Jardim Catarina)

“É um dinheiro certo. A minha única renda é do Bolsa Família e graças a Deus por isso”. (Moradora de Marajoara)

“Dia certinho. Se der lá na data, é aquela data certinha, não falta. Nesse município inteiro, a única coisa que funciona e realmente ajuda é o Bolsa Família”. (Moradora de Marajoara)

• Nem todos se sentem bem informados sobre outros benefícios dos quais pensam que poderiam ter direito, para além do Bolsa Família. Apresentaram dúvidas relacionadas a valores, quais tipos de benefícios recebem, porque deixam de recebê-lo, etc. E tentaram trocar informações entre si. Os moradores de Jardim Catarina se mostraram satisfeitos com as informações passadas pelo CRAS.

“Olha, só sei que tem outros benefícios que eles não falam, não passam para nós. Tem muito benefício aí”. (Morador da Cidade de Deus)

“Quando a gente pergunta ou liga pra perguntar, eles falam que a gente não tem direito (...). Minha cunhada queria mais informação pra fazer o Bolsa Família e mais algumas outras coisas. Ela tinha lido lá no projeto, eles falaram que não podia (...). Mas ela é gestante, tá na reta final.(...) O esposo dela não trabalha e que ela também não trabalha de carteira assinada”. (Moradora da Cidade de Deus)

“De muita gente diminuiu. O meu diminuiu, do meu tiraram 30 reais no ano passado. Eu recebia o Renda Melhor e o Bolsa, tiraram o Renda também do meu”. (Moradora de Marajoara)

“Vem um montão de programa incluído, aí conforme a criança vai crescendo, eles vão tirando”. (Moradora de Marajoara)

“Tem palestra, eles arrumam alguém do posto pra conversar, ficam dando coisas”. (Moradora de Jardim Catarina)

• A compreensão do Programa Bolsa Família como um direito não é clara para todos. Na Cidade de Deus, todos veem o programa como uma “ajuda”, e não como um direito, e alguns atrelam sua existência à corrupção no governo. Em Jardim Catarina, as respostas são mistas, e muitos ligam a noção de direito à noção de dever– é um direito apenas se gasto de maneira justa, com alimentos e filhos. Marajoara, localidade onde muitas dependem do programa há anos, a percepção de que o Bolsa Família é um direito é mais ampliada.

“É uma ajuda, não é um direito nosso”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Eu acho que não é um direito não. Eu acho que eles não são obrigados. Eles dão uma ajuda, tudo bem, mas pra mim é mais uma ajuda, porque a obrigação quem tem somos nós, nós que temos que ter”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Eu acho que eles dão o Bolsa Família para poder encobrir o que eles fazem. Eles não sabem o que fazer, então eles dão o Bolsa Família, eles dão um cala boca”. (Morador da Cidade de Deus)

“Devido ao roubo que está aí, um rombo, eles deram esse Bolsa Família para calar a boca do povo”.

(Moradora da Cidade de Deus)

“Eu acho não, eu tenho certeza [que é uma ajuda].” (Moradora da Cidade de Deus)

“É um direito”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Eu acho que é um direito quando usado de forma correta. Se é um direito, se é uma coisa para complementar na renda familiar, por que reclamar [quando não recebe] porque não vai tomar a cervejinha? É um cheque-cidadão”. (Moradora de Jardim Catarina)

“É uma ajuda”. (Moradora de Marajoara)

“Eu acho [que é um direito], porque a gente paga imposto. Querendo ou não, a gente paga em tudo, até no arroz que a gente compra a gente paga imposto e tá muito alto o imposto. Tem que voltar pra gente de alguma forma”. (Moradora de Marajoara)

“Eu que botei no mundo, eu que cuido. () Acho que é assim, não é obrigado, mas é um direito nosso, porque muitas mães não têm como sustentar seus filhos”. (Moradora de Marajoara)

- Ainda fazendo uma relação entre direitos a deveres, espontaneamente narraram casos de recebimento ou uso indevido do programa por pessoas conhecidas. As principais (e possivelmente únicas) queixas em relação ao programa estão ligadas ao que consideram acesso indevido ao programa ou ao uso indevido do benefício. Falaram sobre casos de pessoas que não deveriam receber o benefício, porém o recebem e incomodam-se com mulheres que gastam, na sua visão, o Bolsa Família com “futilidades”, como salões de beleza, ou que o repassam para que maridos gastem com bebida alcoólica. Assim, cobram fiscalização e apresentam sugestões para maior controle.

“Eu acho que é um direito quando usado de forma correta”. (Morador de Jardim Catarina)

“Eu não culpo a forma que é utilizado pelo governo, mas pela forma que a família utiliza esse benefício”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Eu tenho parente de carro na garagem que recebe Bolsa Família”. (Moradora de Marajoara)

“A mulher para agradar o marido dá o cartão. O cara recebe e come o dinheiro das crianças, as crianças precisando das coisas. A gente vê muito isso”. (Moradora de Marajoara)

“Eu conheço uma pessoa (), a filha recebe mil reais de pensão porque o pai é polícia. O dinheiro vai para filha estudar no [colégio particular] Bonfim. A assistente sabe de onde é a declaração da escola [particular]. Eu não vou culpar a mãe, vou culpar aquele que é maior, que ele tá dando e ela tá pegando. (...) Cortou? Não. Ela continua recebendo.” (Moradora de Marajoara)

“Tem muita mãe que coloca filho no mundo com a intenção de ganhar Bolsa Família. Por isso que eu acho que tinha que ter acompanhamento”. (Moradora de Marajoara)

“Tem muita gente que usa o dinheiro errado. Eu falo porque eu tenho uma cunhada, meu irmão deixou ela com os oito filhos. Então ela recebe um bom dinheiro. Toda vez que ela recebia, ela estava no salão. É por isso que eu falo que tem que ter uma fiscalização maior”. (Moradora de Marajoara)

“Eu acho que tinha que ser como um cheque-cidadão. () Só poderia fazer compras (...), você tem que apresentar aquela nota fiscal. Ou como o ticket-alimentação que só permite comprar alimentos”. (Morador de Jardim Catarina)

“Uma coisa que podia fazer é um dia fazer presença na casa [para fiscalização], coisa que não acontece”.

(Moradora de Jardim Catarina)

- Todos conhecem as condicionalidades do Programa Bolsa Família, as consideram justas e não têm dificuldades para cumpri-las.

“Você tem que comprovar que a criança está estudando. Então eu acho que dessa forma ele tá positivo”.

(Moradora de Jardim Catarina)

“Isso aí [condicionalidades] tem que ser certinho”. (Moradora de Marajoara)

“Acho certíssimo”. (Moradora de Marajoara)

- Moradoras de Marajoara falaram também sobre o preconceito sentido por serem beneficiárias do programa.

“Quando a gente tá na fila do banco pra receber o Bolsa Família, sempre tem um engraçadinho que solta uma piada”. (Moradora de Marajoara)

“‘Ó o bando de morto de fome’, a gente tem que ouvir”. (Moradora de Marajoara)

- Fizeram especulações sobre a possibilidade do fim do programa caso a presidente Dilma Rousseff fosse afastada e sobre reações da população beneficiária em caso de extinção do Bolsa Família.

“Com esse negócio de impeachment aí, não se sabe se tem amanhã. E as mulheres vão sofrer. (...) Porque tem mulheres que não podem trabalhar porque têm bebê novo (...), quem tem filho pequeno não pode trabalhar. Vai deixar com quem?” (Moradora de Marajoara)

“A Dilma que deu (...). Eu penso assim, se ela deu, do mesmo jeito que ela deu, os outros podem não dar mais”. (Moradora de Marajoara)

“Eu acho que o medo da população é o seguinte: o meu medo é ela sair e o Bolsa Família sair junto. Por isso muita gente prefere que ela fique”. (Moradora de Marajoara)

“A gente quebra tudo”. (Moradora da Cidade de Deus)

“[Se o programa acabar] Vão quebrar tudo”. (Moradora de Marajoara)

“O mundo vai se acabar”. (Moradora de Marajoara)

“[Se acabasse] Aí você ia ver a crise!”. (Moradora de Jardim Catarina)

Transporte

- A localidade mais bem assistida por transporte público é, claramente, a Cidade de Deus. O bairro é percebido como sendo central e com fácil acesso a oportunidades de desenvolvimento. Falaram sobre os inúmeros ônibus que passam pela localidade e conectam a comunidade à Barra da Tijuca, Recreio e outros bairros de Jacarepaguá, além do BRT para o Centro da cidade, bairros próximos tidos como fonte de emprego. Em Jardim Catarina, as reclamações foram sobre o tempo gasto em deslocamento devido a engarrafamentos, principalmente na BR101 (estrada que corta o loteamento), e o custo elevado das passagens. Mais uma vez, a situação é mais dramática em Marajoara. Há poucas opções de transporte público, o funcionamento se dá em horário restrito e moradoras relataram que chegam a passar duas horas aguardando o ônibus no ponto. De fato, Japeri é o município do Brasil cujos habitantes mais perdem tempo no percurso de ida e volta do trabalho: em média, mais de três horas diariamente, de

acordo com estudo da Firjan¹. Ainda segundo o estudo, apenas 11% da população ocupada de Japeri tem um emprego formal dentro dos limites do município.

“Eu vou no Saara [no Centro] agora com o BRT. Rapidinho tá lá”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Dez minutos tá na Barra”. (Morador da Cidade de Deus)

“Pra São Gonçalo eu levo duas horas”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Eu trabalhava no Rio, levava duas horas”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Eu acho que o transporte é pouco, tem pouco carro [ônibus]”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Eu moro na 46, é lá dentro, você tem que andar um pedaço horrível. Na verdade, não é asfaltada, quem me dera. Eu levo tudo cheio de lama, tem que andar de havaiana porque de sandália você não anda”.
(Moradora de Jardim Catarina)

“[Para chegar ao Centro do Rio para trabalhar] Leva umas três horas, se não levar mais”. (Moradora de Marajoara)

“A gente anda”. (Moradora de Marajoara)

“Ônibus demora. À tarde então, é uma tristeza. () Outro dia chegamos no ponto 5h da tarde, fui pegar o ônibus 7h da noite. (Moradora de Marajoara)

“Às vezes você arruma um serviço pra entrar 2h da tarde e largar 10h da noite. Você vai dormir na estação, na rodoviária, porque não tem ônibus para voltar”. (Moradora de Marajoara)

- Na Cidade de Deus, queixaram-se das recentes “racionalizações de ônibus” em curso no município do Rio. Falaram que agora precisam trocar de ônibus com maior frequência para chegar aos seus destinos.

“Antes tinha ônibus direto para a [Rodoviária] Alvorada. Agora você tem que fazer baldeação”.
(Moradora da Cidade de Deus)

“Adianta de um lado, piora do outro”. (Morador da Cidade de Deus)

- O preço da passagem é considerado muito alto. Fora apontado que o preço, distância e número de baldeações impactam as chances de conseguirem emprego.

“Aumentou demais”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Caro, mas o conforto é ruim”. (Morador de Jardim Catarina)

“Eu até pego o cartão emprestado com a vizinha”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Tem muito lugar [empregadores] que não gosta de dar a passagem, porque assim: 'ah, vai dar uma passagem só porque é muito longe'. Então pra outra passagem, vai ter que se virar. Até em casa de família é péssimo”. (Moradora de Marajoara)

Saneamento

- Investigamos aqui como os participantes dos grupos focais percebem a oferta de abastecimento de água, saneamento de esgoto e coleta de lixo nos três territórios. Regular em sua maioria, o abastecimento de água ainda é precário em áreas específicas dos três bairros pesquisados. Alguns recorrem a poços artesianos. Marajoara passou a sofrer recentemente com falta d'água pela primeira vez, mas as entrevistadas não sabem apontar o motivo. Poucos recebem conta – na Cidade de Deus,

¹ <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/onde-vive-quem-mais-demora-para-chegar-ao-trabalho-no-brasil>

costuma ser cobrada uma tarifa social de R\$17, em Marajoara ninguém recebe e em Jardim Catarina os valores podem chegar a R\$70.

“Na minha casa nunca tem água”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Na frente não tem. A gente por morar atrás, não falta”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Ela cai quarta de noite”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Lá em casa cai todo dia”. (Moradora de Jardim Catarina)

“O pessoal aqui de Laranjal é o maior prejudicado. É todo dia. Todo dia a gente sofre com falta d'água”.
(Moradora de Jardim Catarina)

“Na minha casa tinha um hidrômetro que eles instalaram. Vai demorar três anos pra poder fazer uma análise e de lá a prefeitura assinar o laudo técnico pra você instalar o hidrômetro. Ou seja, você não tem praticamente acesso à legalização (). Ou seja, a maioria das casas aqui o abastecimento é clandestino”.
(Morador de Jardim Catarina)

“Água tava bom e agora tá péssimo”. (Moradora de Marajoara)

“É novo, porque a gente mora aqui há tanto tempo e nunca teve isso!” (Moradora de Marajoara)

“Eu moro lá no morro. Até meia-noite eu estava igual a uma alma penada na rua com dois baldes de água”. (Moradora de Marajoara)

“Estão falando que a Cedaé tá em greve. Mas até água entra em greve?” (Moradora de Marajoara)

- Os três territórios pesquisados têm problemas com a rede de esgoto. Na Cidade de Deus, relataram que o esgotamento sanitário entope quando chove. Em Marajoara não há rede de esgoto pública e moradores recorrem a sumidouros. Chama atenção o caso de Jardim Catarina, onde moradores relatam que a situação se tornou muito mais precária após obras do Comperj na região. De fato, São Gonçalo sofreu graves enchentes em 2016. Na Cidade de Deus, uma moradora também afirmou que a situação melhorou após a realização de obras públicas.

“Quando dá uma chuva (), enche tudo, esgoto volta, sai, assim, rato. Rato e lixo é uma coisa que entope muito. Depois que fez essa obra ficou pior”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Na minha rua não tem problema não”. (Morador da Cidade de Deus)

“O meu é sumidouro”. (Moradora de Marajoara)

“Eles só estão colocando esgoto no pessoal que tá ali no morro. Os antigos não têm”. (Moradora de Marajoara)

“Agora, quando asfaltou, eles fizeram saneamento. Lá onde eu moro ficou direitinho”. (Moradora de Marajoara)

“Não existe esgoto sanitário, assim, ideal. Essa questão do saneamento básico aqui é muito precária e não existe ainda uma rede”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Não tem canalização. Aí com essa chuva, a casa ficou cheia e não tinha como sair”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Vai pro valão que tem. Essa é a realidade”. (Moradora de Jardim Catarina)

“A casa de um amigo chegou a entrar de 5 a 8m de água [de chuva].” (Morador de Jardim Catarina)

“É lá do Comperj. Antes não alagava e começou a alagar tudo por causa disso”. (Morador de Jardim Catarina)

- A maioria dos entrevistados afirma que a coleta de lixo é satisfatória e realizada regularmente em suas vizinhanças. O serviço é domiciliar em algumas áreas e feito em pontos de descarte em outras. Queixam-se da “falta de educação” de vizinhos que insistem em descartar lixo indevidamente.

“A Comlurb vem, só que assim, acho que tem muito morador que também é desorganizado. Tem caçamba e em vez de jogar dentro da caçamba, eles querem jogar o lixo para fora”. (Morador da Cidade de Deus)

“[O tipo de coleta] Depende do lugar”. (Morador da Cidade de Deus)

“A galera joga no chão”. (Morador da Cidade de Deus)

“Teve uma época aí que a gente tinha que levar num ponto porque não tava passando. Agora tá passando”. (Moradora de Marajoara)

“Tem locais que passam três vezes por semana, mas tem lugar que passa às vezes uma, duas vezes por semana, quando passa”. (Moradora de Marajoara)

“Passa lá na pista. Tenho que levar”. (Moradora de Marajoara)

“Os moradores não têm consciência”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Onde eu moro é próximo da [estrada] BR. Aí a BR tem coleta da ABM e todo mundo leva no espaço lá. Vai trabalhar, leva o lixo”. (Morador de Jardim Catarina)

Segurança Pública

- O serviço público com pior avaliação pelos entrevistados é certamente a Segurança Pública. As reclamações têm especificidades e variam de acordo com cada localidade (e realidade), mas são sempre graves. Fica evidente que não confiam na polícia, principal representante do estado na prestação deste serviço.

“Na verdade aqui ninguém mexe com ninguém. Mas quando a polícia tá na rua, eu tenho medo”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Aí qualquer um tem medo, né?” (Moradora da Cidade de Deus)

“Sabe por que tá pior? Porque o governo não tá pagando a polícia e a polícia quer dinheiro. Quem tem dinheiro é traficante, aí começa a dar tiro. As crianças vêm da escola, pessoal tá chegando do trabalho, tão saindo da creche... eles não querem saber, dão tiro”. (Morador da Cidade de Deus)

“Contato com a polícia? Deus me livre!” (Moradora de Marajoara)

“Meu filho chegou da escola e desceu o morro correndo. Aí, quando ele desceu, a polícia foi atrás. Meu filho só tem 12 anos!” (Moradora de Jardim Catarina)

“Eles só vêm se for pra matar”. (Moradora de Jardim Catarina)

- O problema é especialmente complexo na Cidade de Deus, onde queixam-se de corrupção policial; da maneira como são tratados por policiais; e fazem uma denúncia grave: a frequente invasão de seus domicílios. Quase todos os participantes do grupo focal já tiveram suas casas invadidas por policiais em busca de criminosos, armas ou drogas sem mandado judicial. Narraram que policiais são agressivos e

usam chaves-mestras, que “metem o pé” e arrombam portas ou entram por janelas e lajes. Ainda que menos comum, há relatos similares em Jardim Catarina. Em Marajoara, policiais não entram em domicílios. As entrevistadas responderam prontamente que “eles [policiais] só podem entrar se tiverem mandado”.

“Tem policiamento, mas é corrupto”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Meu marido foi comprar coisas pro meu filho e ele tomou o dinheiro do meu marido. 'Ah, mas você é bandido'. Você é isso, é aquilo, aí começou a dar tapa no meu marido”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Não sabe a situação. A polícia invade a tua casa e encontra a mulher lá sozinha. Deus sabe o que pode acontecer”. (Morador da Cidade de Deus)

“[A polícia] Entrou na minha casa, arreventou com tudo. Chegou entrando na minha casa”. (Moradora da Cidade de Deus)

“[Policiais] Entraram na casa da minha vizinha e levaram o celular dela”. (Moradora da Cidade de Deus)

“[Policiais] Já levaram o dinheiro da minha prestação das Casas Bahia! Eles levam o que tiver”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Se tiver alguma coisa assim, eles comem”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Eles invadem as casas dos moradores como se fossem bichos, pegam dinheiro”. (Moradora de Jardim Catarina)

“E se você não abrir a porta, eles quebram”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Não, só entra na casa da pessoa se tiver mandado”. (Moradora de Marajoara)

“Pra eles não tem essa não. Se tiverem que entrar, eles entram”. (Moradora de Marajoara)

- Na Cidade de Deus, relataram que, atualmente, há trocas de tiros entre traficantes e policiais todos os dias e que tendem a acontecer no horário de saída de crianças da escola. Todos os entrevistados já passaram por situações onde tiveram que proteger a si próprio ou seus filhos em tiroteios.

“Geralmente o tiroteio é na hora que as crianças estão entrando e saindo da escola, meio-dia e 4h da tarde. Assim é todo dia”. (Moradora de Cidade de Deus)

“É todo dia, que nem gato e rato. Deu quatro horas, começa o tiroteio”. (Morador da Cidade de Deus)

“Já aconteceu de eu estar na rua com meu filho e minha filha, a polícia vindo correndo atrás de um menino e eles meteram tiro, sem nem querer saber se eu tava passando ou não. Eu tive que apoiar meu filho e minha filha na parede e abaixar. A sorte é que não pegou em mim, mas eles não estavam nem aí”. (Moradora da Cidade de Deus)

- Em Marajoara e Jardim Catarina, o problema é de outra natureza: ausência de policiamento e a percepção de que, mesmo quando há presença policial, “não adianta nada”. Percebe-se que, na favela, a presença ostensiva da polícia é percebida como fonte de violência. Já nos demais bairros pobres pesquisados, é a ausência de representantes da segurança pública que é vista como problema – ainda que, ao mesmo tempo em que demandam mais policiamento, temem que sua presença possa gerar ainda mais violência. O sentimento é contraditório, e acima de tudo transparece a sensação de abandono do estado.

“Eu acho que quando a gente fala dessa situação de arma e tal, é porque a gente sente falta da polícia”.

(Moradora de Jardim Catarina)

“Aqui dentro não é igual às comunidades do Rio, por exemplo, que têm muita polícia”. (Morador de Jardim Catarina)

“Acho que o único momento que teve uma concentração de polícia aqui foi quando os líderes daqui falaram que iam matar os policiais que moram no Jardim Catarina. Aí foi o único momento. Eles também passaram o rodo, né”. (Morador de Jardim Catarina)

“Mas também vieram com abuso de autoridade, eles se achavam com poder pra fazer o que eles queriam”. (Morador de Jardim Catarina)

“Quando vem a polícia pode ter certeza que o tiro vem atrás”. (Moradora de Marajoara)

- Na Cidade de Deus, “leis internas” impostas pelo “poder paralelo” de traficantes garantem que não haja crimes para além daqueles relacionados ao tráfico de drogas. Assim, apesar do alto índice de violência, as pessoas se sentem mais seguras em suas casas e ao circular pelo bairro na Cidade de Deus que em Jardim Catarina e Marajoara. Em Jardim Catarina, a maioria se sente segura em casa, mas há muitos relatos de assaltos nas ruas do bairro. Em Marajoara, o medo da violência é constante, dentro e fora de casa. Entrevistadas revelam sentimentos contraditórios de que o bairro ainda é muito “tranquilo”, quase “de interior”, ao mesmo tempo em que vivem com insegurança.

“Aqui dentro não tem assalto. Agora lá fora...” (Morador de Cidade de Deus)

“Se você deixar uma bicicleta do lado de fora, podem levar. Mas, assim, alguém pegar da sua mão, não acontece”. (Moradora de Cidade de Deus)

“Eu me sinto segura na minha casa sim”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Não, na minha casa não”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Na hora que a gente sai não sabe se vai voltar”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Assalto é de cinco às sete. Tem assalto quase todo dia”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Assaltam casa, pedestre. Ultimamente o pessoal tá roubando, pegando dinheiro até de crianças”.
(Moradora de Marajoara)

“Minha filha, estão roubando bolsa de mercado, não vão roubar criança?” (Moradora de Marajoara)

“Bem, eu vou falar. Essa semana nosso vizinho, seis e pouca da manhã, foi assaltado. Tentaram roubar o carro dele e ele tomou dois tiros”. (Moradora de Marajoara)

- Quando perguntados se seus bairros são mais inseguros para homens ou mulheres, responderam em Jardim Catarina e Marajoara que ambos correm risco, mas que mulheres estão mais expostas. Já na Cidade de Deus, todos os participantes disseram que o local é mais seguro para mulheres, pois homens são os alvos mais frequentes de policiais.

“Mulher levam a bolsa e homem, levam o celular”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Mulher sofre porque sai de madrugada pra trabalhar e é agarrada e estuprada, aí não tem como. A gente não tem força com homem”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Quando eles querem assaltar, o alvo deles é mais mulher”. (Moradora de Marajoara)

“Rua deserta, assim, dá mais medo, né?” (Moradora de Marajoara)

“Isso quando não tem uns tarados. Porque além dos assaltantes, tem uns tarados”. (Moradora de Marajoara)

“A prefeitura não renovou o contrato com a iluminação pública. Então você olha e os bairros estão todos um breu”. (Moradora de Marajoara)

“A polícia, em si, ela não quer saber se é traficante ou não. Isso já aconteceu com meu marido. Meu marido vindo do trabalho coma mochilinha dele, botaram ele dentro do carro e levaram. E assim, não queriam saber se ele estava vindo do trabalho nem nada”. (Moradora da Cidade de Deus)

“O meu marido chegou até a perder trabalho. Ele foi sair cinco da madrugada com meu irmão, colocaram ele no camburão e levaram. Ele tá sem trabalho até hoje”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Eles colocam droga no nosso bolso, não sei como. Tem que colocar os bolsos pra fora rápido, antes de eles chegarem perto, para todo mundo ver que não tem droga”. (Morador da Cidade de Deus)

- Entrevistadas de Marajoara contaram que revistas a moradores por policiais também é comum na localidade.

“Quando tá mais pesado o clima é que eles fazem [revistas]”. (Moradora de Marajoara)

“E sabe o que é engraçado? A polícia só pára e revista trabalhador”. (Moradora de Marajoara)

“Eu vindo do trabalho, cansada, o policial falou: ‘Bonitinha, abre a bolsa e joga suas coisas no chão’(...). ‘No chão não, meu senhor. Se quiser eu vou abrir pro senhor, mas não vou botar minhas coisas no chão. Sou trabalhadora, tô vindo do trabalho’.” (Moradora de Marajoara)

- Uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) foi implantada na Cidade de Deus há oito anos. Segundo os participantes do grupo focal, o bairro passou por cinco anos de “tranquilidade”, quando a violência fora drasticamente reduzida, mas que há três anos as disputas e tiroteios recomeçaram. Dizem que a situação atual é praticamente igual à vivida antes da chegada da UPP.

“No início tava muito bom, o início foi muito bom. Durou cinco anos”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Antigamente, antes da UPP, o negócio era brabo mesmo. Aí foi melhorando e agora tá voltando tudo ao normal”. (Morador da Cidade de Deus)

Saúde

- Os participantes dos três grupos estão muito insatisfeitos com serviços de Saúde. Queixam-se sobre longas filas em emergências, sobre a falta de médicos e equipamentos e a má qualidade do atendimento prestado. Há exceções, com relatos de bom atendimento.

“Entra vivo e sai morto”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Olha, é um nojo a saúde. Eu nunca vi isso na minha vida, porque eu já fiz preventivo lá embaixo [no Rio] e não demora. Aqui, pra fazer uma ultra, nossa. Se você visse, não teria vontade”. (Moradora de Marajoara)

“Eu fiz uma cirurgia. (...) E era uma benção, que eu ficava ‘Jesus, tu tá na frente disso’ (...). Foi muito bom. Fui bem atendida, até hoje a doutora me liga: ‘ó, você já fez o preventivo? Tá marcado’. Então eu vou fazer. Ela: ‘ó, qualquer coisa, a ficha tá aberta aqui’.” (Moradora de Marajoara)

- Em caso de emergência, procuram Unidades de Pronto Atendimento, postos de saúde e clínicas

municipais de bairros ou até municípios vizinhos. O atendimento das UPAs foi avaliado como muito ruim, porém há exceções e destacam que há diferença no atendimento de acordo com a equipe de plantão. Entre as moradoras de Marajoara, é comum buscar atendimento no município vizinho de Queimados, onde a situação é menos precária que em Japeri. A Cidade de Deus conta com o maior número de unidades de saúde.

“Porque aqui dentro mesmo não tem médico, aí a gente tem que ir lá pra fora procurar médico”.

(Moradora de Jardim Catarina)

“Na UPA, a injeção todo mundo toma igual”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Tudo depende da pessoa, depende do médico que atende, que trabalha na UPA”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Eu fui na UPA e sempre fui bem atendida. Mas meu filho deu uma convulsão e fui pra essa UPA daqui [da Cidade de Deus]. Cheguei e a assistente falou que tem pediatra, 'a senhora vai ser atendida porque tá funcionando'. Cheguei 5h da manhã, 5h30 eu ainda tava com ele no braço, estava esperando ele morrer. Ele [o pediatra] tava dormindo, aí ela ficou no jogo de empurra. Meu marido chamou o policial. Foram lá dentro e aí veio um pediatra”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Tive que arrumar um barraco lá pra ser atendido. (...) lam me deixar lá”. (Morador da Cidade de Deus)

“Na UPA de Queimados atende muito bem. Um tratamento até que eu na primeira vez que levei meu bebê, fiquei meio assim, porque eles atendem super bem, muito atenciosos, entendeu?” (Moradora de Marajoara)

“24 Horas Infantil de Queimados, ou eu vou na Policlínica, em Queimados”. (Moradora de Marajoara)

“Ultimamente reformaram, deu uma melhorada. Mas, assim, é emergência, porque se a gente depender de ginecologista, de um especialista, não tem (...). Se for marcar médica, demora. Isso aí ainda tá ruim”. (Moradora de Marajoara)

- Os entrevistados apontaram graves dificuldades no agendamento de consultas e exames especializados. Nestes casos, precisam procurar hospitais de grande porte e aguardar meses para consultas e resultados de exames.

“Marca e até chegar a sua vez, você tá morta. Marca e daqui a dois anos você é consultada”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Ai, Jesus. Uns três meses”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Meu preventivo, seis meses”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Uma coisa que eu gostaria que tivesse: não tem otorrino por aqui. Aí tu tem que ir lá caçar, procurar, eu só descobri porque o rapaz falou que no Andaraí tem otorrino de graça. Aqui não tem. Aí vai para o lugar tal, não tem. Vai para outro lugar, não tem também”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Demora quatro meses até ser atendido”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Três meses para marcar”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Eu tenho sete filhos. Eu não pego número pros sete, só pego pra dois de cada vez só. Aí eu tenho que ir várias vezes”. (Moradora de Marajoara)

“Minha filha é especial e precisa de um imunologista e já tem pra mais de seis meses que não tem

consulta. Eu tenho que levar o laudo pra escola de seis em seis meses agora com o atual governo. E eles estão pedindo e eu não to conseguindo marcar”. (Moradora de Marajoara)

“É uma semana pra ir na consulta e mais um ou dois meses pra pegar o resultado, quando é isso... Imagina se tiver algum problema?” (Moradora de Marajoara)

“Aqui pra fazer uma ultra, nossa... Ainda fala assim: ‘amor, você tem que ir na farmácia, você tem que comprar uma camisinha, porque se não a gente não pode realizar seu exame’. E pra quê? Você chega lá na Policlínica e tem aquela caixa de camisinha. Vê bem!” (Moradora de Marajoara)

- A presença do Programa de Saúde da Família e agentes comunitários está restrita a áreas específicas entre as localidades pesquisadas. Poucos têm conhecimento da existência de agentes comunitários de saúde, e entre os que têm acesso (uma minoria), afirmam que a presença de agentes é positiva, mas que não há médicos disponíveis para consultas, anulando a eficiência do Programa.

“Eu nunca vi não”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Depende do lugar”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Aqui dentro tem o Posto de Saúde da Família, mas não tem médico”. (Moradora de Jardim Catarina)

“O agente vai às vezes. Já chegou a ir dois deles na minha casa, mas aí você chega e não tem médico”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Antigamente tinha [agente], mas olha, não tô vendo mais não”. (Moradora de Marajoara)

“Tudo no começo é muito bom. Eles passavam sempre, marcavam médico, exames pras pessoas que são acamadas, os médicos iam em casa... Tudo no começo é bom. Mas agora que tá na reta final de mandato, cara, ninguém quer trabalhar”. (Moradora de Marajoara)

“O agente disse ‘vamos fazer, amor’. Vamos. Quando cheguei lá, era meio-dia não me chamaram. Ela falou que o médico que tava marcado, perdi um dia de trabalho (...).” (Moradora de Marajoara)

- Todos gostariam de ter plano de saúde e consideram a qualidade do serviço prestado pela iniciativa privada muito superior ao Sistema Único de Saúde. Fizeram referência à “clínica popular” disponível em Jardim Catarina, onde há consultas a preços populares.

“Quando eu vou, vou pra particular, porque se não for assim...” (Moradora de Marajoara)

“Eu descobri épocas atrás que estava com mioma. Tive que procurar um médico particular e me tratar. Tô me tratando e gasto meu dinheiro com particular, porque pelo público não tem condição”. (Moradora de Marajoara)

“[Particular] É outra coisa, né? É outro mundo”. (Moradora de Marajoara)

“Tipo assim, preventivo, é melhor particular”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Com certeza [é melhor], em algumas áreas sim”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Com certeza [gostaria de ter plano]. Plano odontológico para as crianças...” (Moradora da Cidade de Deus)

“Aqui tem clínica popular para as comunidades. Eu já usei”. (Morador de Jardim Catarina)

“Dependendo do plano de saúde. Minha filha tem plano de saúde, mas hoje em dia você só consegue um plano de saúde legal se pagar muito. Hoje em dia, a maior parte das clínicas está pedindo 400 reais pela

consulta. Pra mim, não dá". (Morador de Jardim Catarina)

- A busca pela realização de ligadura de trompas surgiu espontaneamente na Cidade de Deus, onde muitas moradoras declararam ser este um de seus sonhos (juntamente com o bem-estar dos filhos e a conquista da casa própria). Uma vez que a questão apareceu com tanta evidência na Cidade de Deus, onde o primeiro grupo focal foi realizado, o tema foi levado aos demais grupos. Na Cidade de Deus, mulheres narram as inúmeras tentativas frustradas de realizar o procedimento. Lá, assim como nos demais locais pesquisados, as entrevistadas demonstraram receber informações desconhecidas sobre as regras para a cirurgia. Em Jardim Catarina, a ligadura é feita em clínicas particulares pelas mulheres que podem pagar, ou através de favores políticos em época de eleições. Em Marajoara, disseram não ser difícil realizar o procedimento, pois o mesmo é oferecido por políticos locais "até fora das eleições", com a intenção de garantir votos, sem seguir protocolos como idade mínima ou número de filhos anteriores. De fato, a Lei Federal 9.263 de 12 janeiro de 1996 determina a esterilização voluntária é permitida em homens e mulheres com capacidade civil plena e maiores de 25 anos de idade ou, pelo menos, com dois filhos vivos, desde que observado o prazo mínimo de sessenta dias entre a manifestação da vontade e o ato cirúrgico e em caso de risco à vida ou à saúde da mulher ou do futuro concepto, testemunhado em relatório escrito e assinado por dois médicos.

"Pra você ir, tem que madrugar [no Posto]. Eu já vim 3h da manhã, fiquei aqui, você corre risco de tomar uma bala perdida, você fica aqui na porta. Não consegui. (...) O que é que acontece, você chega ali e é uma panelinha (...). Se conseguir faz o planejamento, são três reuniões. Se eles forem com a sua cara, te encaminham. Porque minha cunhada conseguiu, eu já fui lá três vezes e não consegui. (...) Tem que vir de quatro cesarianas e ter mais de 25 anos. (...) Ai eu tenho 36 anos, já venho de três partos normais, engravidei de novo, tô na fila há 10 anos...". (Moradora da Cidade de Deus)

"Falou que ia ligar na hora [do parto] e não quis, não queria fazer meu parto". (Moradora da Cidade de Deus)

"A mesma coisa que aconteceu com ela, aconteceu comigo. (...) Eles na hora [do parto] não ligaram. Tenho que fazer de novo. Minha gravidez é de risco. Eu sou hipertensa, sou diabética". (Moradora da Cidade de Deus)

"Eu consegui porque meus partos eram tudo cesárea, quatro cesáreas. Ai eu consegui". (Moradora da Cidade de Deus)

"Pra minha esposa eu paguei 1.500 reais". (Morador de Jardim Catarina)

"Em época de eleição você consegue. Eles até vêm na sua casa. Tudo para conseguir voto". (Moradora de Jardim Catarina)

"Só dando voto você consegue a ligadura. Tudo que você quiser, você consegue. Ai depois das eleições, o povo some". (Moradora de Jardim Catarina)

"Se você fez três cesáreas, não pode ter mais, ai eles acham que tu é obrigada a operar. Mas enquanto tu tiver filho normal, você vai continuar tendo". (Moradora de Jardim Catarina)

"Eu fiz tem quatro anos, com um vereador. Ele não faz assim só em tempo de eleição não. Ele faz direto. É só ir nele. Ele pede os exames, uma tomografia e marca". (Moradora de Marajoara)

"Procurei ele lá na Câmara dos Vereadores. Ele me levou pro hospital e depois me trouxe pra casa". (Moradora de Marajoara)

"Aqui só consegue, assim, a ligadura através dele, gente conhecida com negócio de candidatura".

(Moradora de Marajoara)

“Quando eu fui ligar lá em Belford Roxo, foi com outro vereador, esse médico falou lá na sala, que eu ouvi ele falar: ‘A mulher, quando ela tiver dois filhos e 27 anos, ela pode ligar’. (...) Eles gostam de ligar”.

(Moradora de Marajoara)

- Todos disseram que há muitos casos de dengue e zyka em seus bairros, mas não têm conhecimento de casos de microcefalia. Na Cidade de Deus, campanhas estão sendo feitas dentro das escolas. Moradores de Jardim Catarina e Marajoara desconhecem a existência de campanhas.

“Antigamente passava o carro de fumacê, mas agora não passa mais”. (Moradora de Jardim Catarina)

“[A campanha] Tá na televisão. Quando teve aquela campanha do Dia D, eles faziam nas ruas. Mas não tem mais”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Não tem [campanha]. De vez em quando é que passa aqueles caminhões de matar mosquito”.

(Moradora de Marajoara)

“Eu não vi eles passar não”. (Moradora de Cidade de Deus)

“Na escola estão falando bem sobre o negócio de dengue, zyka”. (Moradora de Cidade de Deus)

“Até isso o posto não me dá. Eu pago 38 reais no repelente. Chega lá no posto para pegar, tem, mas eles escondem”. (Moradora de Cidade de Deus, gestante)

Educação

- Apesar de ser um tema sempre enfatizado em reclamações sobre serviços públicos da população em geral, participantes dos três grupos focais avaliaram a Educação ofertada a filhos como satisfatória, ainda que haja queixas significativas. Moradores da Cidade de Deus são os mais satisfeitos.

“Pra mim, a escola do meu filho é boa”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Eu não tenho nada do que reclamar não”. (Moradora da Cidade de Deus)

“A do meu filho é bilíngue! É pública, todo dia tem aula de inglês, desde o 1º ano ele já faz.” (Moradora da Cidade de Deus)

“Boa, não tem do que reclamar não”. (Moradora da Cidade de Deus)

“É muito bom. [O ensino] do Celita é maravilhoso”. (Moradora de Marajoara)

“O colégio é acessível, quase todo dia tem aula”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Bom, de maneira geral”. (Morador de Jardim Catarina)

“Ensina bem, tem paciência com aluno pra ensinar. Minha filha agora tá aprendendo a ler e escrever”. (Moradora de Jardim Catarina)

- As principais reclamações estão relacionadas a greves frequentes, principalmente em Marajoara, e a falta de professores para algumas matérias. Em Cidade de Deus, informaram que o aumento da violência tem feito com que professores fiquem com medo e deixem de trabalhar na localidade.

“Anos atrás, nunca a gente tinha ouvido falar de greve. Esse ano já começou a ter greve no município,

coisa que nunca teve. O ano letivo já começou com greve”. (Moradora de Marajoara)

“O meu filho passou pro 1º ano do 2º Grau. Começou o ano letivo péssimo, porque já começou com greve”. (Moradora de Marajoara)

“Falta [professor]. É assim: um entra 1h e sai 3h porque faltou professor; outro entra 4h; tem um que entra 4h e sai 5h45 e é também falta de professor”. (Moradora de Marajoara)

“Quase não tem aula. Quando tem, eu levo minha filha. Levava 1h e tinha aula até 3h. Uma vez ou outra tem aula até 5h”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Falta professor. Só este ano que tô tendo problema assim. Eu nunca tive problemas em relação a isso. Teve uma reunião devido à falta de professores”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Por causa da violência, a professora foi embora.” (Moradora da Cidade de Deus)

- Principalmente em Jardim Catarina, queixaram-se de problemas de infraestrutura e limpeza. Em Marajoara, há duas opções de escola, sendo que uma delas (Guandu) fica em área considerada ‘de risco’, com frequentes tiroteios. Por não quererem que os filhos estudem em Guandu, a outra escola do bairro (Bernardino) passou a ter muita procura e ficou “superlotada”, segundo as entrevistadas.

“Quarta-feira meu filho falou que tava chovendo dentro da sala dele”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Eu acho que o colégio que minha filha estuda é pequeno pra muita criança” (Moradora de Jardim Catarina)

“De vez em quando o colégio tem rato. É tudo a mesma nojeira. Se eu pudesse tirava o meu filho de lá. Infelizmente, é o mais próximo pra mim”. (Morador de Jardim Catarina)

“Esse ano todo mundo está com filho no Bernardino, no outro não [Guandu] por causa dos tiros. Aí lá ficou superlotado. E eles estão com obra de igreja. A sala fica superlotada. (...) Vai pra dois anos ela [a obra]”. (Moradora de Marajoara)

- As crianças recebem material escolar e uniforme todos os anos, mas a entrega parece acontecer sempre com atraso – mais em Marajoara e menos na Cidade de Deus. Alguns pais informaram que utilizam dinheiro do Bolsa Família para comprar material no início do ano, enquanto este não é entregue aos alunos.

“Não tenho nada a reclamar de material. Graças a Deus não”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Esse ano eles deram. Não dão assim no começo não, dá depois. Para começar, a gente comprou”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Na escola do meu filho não chegou uniforme do tamanho dele, mas material chegou”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Só chega no final do ano”. (Morador de Jardim Catarina)

“Ah, eu compro. A escola falou que tem que arrumar”. (Morador de Marajoara)

“Recebem. Recebem na data errada, porque em vez de receber no início do ano, recebe já quase no final... setembro, outubro”. (Moradora de Marajoara)

“Não recebeu [em 2016]”. (Moradora de Marajoara)

“A minha filha recebeu só livro. Material e uniforme, não”. (Moradora de Marajoara)

“Minha filha recebeu um bilhete que é pra levar [livros] de manhã pra ela estudar e deixar na escola por causa da turma da tarde, pra usar”. (Moradora de Marajoara)

“O meu filho tava me falando que não traz porque não tem pra todo mundo. Aí, a professora passa na aula, trabalha e junta as crianças pra fazer dever. Pra casa não traz”. (Moradora de Marajoara)

- A alimentação escolar teve avaliação muito positiva entre a maioria dos entrevistados. Fazem comparação com suas próprias experiências e destacam a qualidade das refeições ofertadas. Surgiram queixas de falta de merenda apenas em Jardim Catarina.

“No primeiro dia de aula, ele chegou e falou: ‘mãe, não quero estudar lá não’. Eu perguntei por que e ele falou: ‘porque a comida foi arroz, feijão, carne e repolho [risos]. Tem banana, leite Ninho...” (Moradora da Cidade de Deus)

“Antigamente não tinha comida. As merendeiras que tinham que se juntar para comprar”. (Moradora da Cidade de Deus)

“A cada trimestre eles convidam os pais para ir lá na [escola] Leila comer junto com as crianças. (...) Você tem que participar e comer para sentir como é feita a comida, com a nutricionista”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Minha filha sempre fala bem da comida da escola”. (Moradora de Marajoara)

“Outro dia em perguntei pros meus filhos: ‘comeram?’. De tudo, tem dia que come arroz, feijão, carne, batata, cenoura. Varia”. (Moradora de Marajoara)

“Às vezes falta. Quando falta, manda o menino pra casa”. (Morador de Jardim Catarina)

“A do meu filho não falta porque é associada com uma igreja”. (Moradora de Jardim Catarina)

- Diferente da Saúde, onde todos desejam ter acesso ao sistema privado, grande parte dos entrevistados não deseja transferir seus filhos para escolas particulares – alguns porque acreditam que a qualidade do ensino ofertada é a mesma; outros porque pensam que o sucesso dos filhos depende apenas de esforço individual.

“Não, porque eu acho que o que faz o colégio é o aluno”. (Moradora de Marajoara)

“O interesse vai da criança e da mãe, porque tem mãe que não olha o problema”. (Moradora de Marajoara)

“Ah, se eu tivesse condição eu até botaria [em escola particular].” (Moradora de Marajoara)

“O que faz o colégio é o aluno”. (Moradora de Marajoara)

“[Transferiria para particular] Porque eu acho que fica melhor pra ele. Acho que os professores se dedicam mais porque tão recebendo aquele salário certo. Agora no município, coitado!” (Moradora de Marajoara)

“Não, não tiraria, porque meu filho estuda e estou satisfeita com a escola”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Mesmo professor que está na escola particular está na escola pública. Porque minha filha estudou no José Clemente e os professores de lá são tudo de escola particular”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Gostaria porque aí ficariam todos juntos [todos os filhos na mesma escola]. Cada um foi para um lado”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Porque tu tá pagando, então o ensino tem que ser muito mais forte. Agora tem escola pública aí que é a mesma coisa do particular. Os professores são os mesmos, só muda que tu paga”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Eu não, porque o ensino [da pública] pra mim é melhor”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Eu tenho uma prima que estuda no colégio particular e não tá aprendendo nada, entendeu? E as crianças do público aprendem mais do que no particular”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Eu gostaria. Se eu tivesse condições de pagar, eu pagaria”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Não. O colégio [público] tá desenvolvendo bem”. (Morador de Jardim Catarina)

- Com a exceção de uma participante da Cidade de Deus, que disse que sua filha é “muito rebelde” e “não quer estudar”, os filhos de todos os entrevistados estão matriculados em escolas próximas de casa ou bairros vizinhos. Com poucas exceções, disseram que não há dificuldades para garantir vaga, ainda que nem sempre a escola disponível seja tão próxima de casa como gostariam. Como o bairro de Marajoara é periurbano e distante dos centros de Engenheiro Pedreira e Japeri, alunos dependem de transporte público e/ ou escolar para chegar às escolas.

“Pra mim até que não [foi difícil conseguir vaga], foi fácil. Foi difícil não”. (Morador da Cidade de Deus)

“Hoje tá fácil”. (Morador de Jardim Catarina)

“Só consegui arrumar vaga por causa do alvará da Justiça, senão não conseguia”. (Morador da Cidade de Deus)

“A minha irmã não conseguiu vaga para minha sobrinha. Ela se mudou de Santa Cruz pra cá e foi lá na CRE, né. A CRE não deu solução não. Não conseguiu e a minha sobrinha teve que entrar na escola particular, sem poder pagar”. (Moradora da Cidade de Deus)

“A da minha filha é perto, é dois ônibus”. (Moradora de Marajoara)

“Algumas escolas aqui no município tem ônibus para levar e trazer. A minha filha estuda aqui no Celita, então tem ônibus para levar e trazer, ônibus escolar. O meu filho já é pelo estado, agora tem aquele RioCard. Fica mais fácil para gente”. (Moradora de Marajoara)

“O único ônibus que leva é o Guandu, que leva até ali e a criança tem que andar um bom pedaço. É ônibus de linha, esse da escola não leva, porque só tem essas duas escolas e elas são muito afastadas”. (Moradora de Marajoara)

“Poxa, eu vou te falar. Ela acorda 5h30, ela pega 7h no colégio. Eu tenho que esperar o ônibus, né, dois ônibus. Aí ela sai, o último horário dela é 12h10, ela chega umas 2h, 2h30 em casa. Isso tudo pra não estudar no Guandu [localidade considerada perigosa, onde tiroteios são constantes]. (Moradora de Marajuara)

- O acesso à creche ainda é muito restrito. Não há número suficiente de vagas em nenhum dos bairros pesquisados e apenas alguns entrevistados conseguiram matricular seus filhos.

“Em Marajoara tem uma, mas não tá funcionando. Diz que ia funcionar esse ano, mas não tá funcionando”. (Moradora de Marajoara)

“Não abriu ainda não, mas vai abrir, tá em obra. Só tem essa mesmo”. (Moradora de Marajoara)

“Creche é difícil”. (Moradora de Jardim Catarina)

“Minha filha mora com a minha mãe. Minha mãe só conseguiu vaga para ela porque recorreu ao Conselho Tutelar”. (Moradora de Jardim Catarina)

- A Cidade de Deus, ainda que tão populosa, não conta com escola de Ensino Médio – uma demanda antiga de moradores da localidade. Jovens nesta fase de estudo precisam se deslocar para escolas mais distantes, como na Barra da Tijuca e Freguesia (e contam com passe livre para ônibus).

“Aqui não tem Ensino Médio. Meu filho estudava numa escola aqui e foi transferido”. (Moradora da Cidade de Deus)

- A maioria dos entrevistados da Cidade de Deus e Jardim Catarina gostaria de voltar a estudar, mas disseram que não o fazem principalmente por “falta de tempo”. Em Marajoara, local com mais baixo índice de escolaridade dentre os pesquisados, muitas dizem que não gostariam de retornar à escola.

“Eu não volto por causa do tempo. Eu trabalho, tenho meu filho, então eu não tenho tempo pra mim”. (Morador de Jardim Catarina)

“Eu tenho vontade de voltar a estudar, gostaria mesmo, mas não tenho tempo”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Tô pensando seriamente. À noite é bom, vou lá ver. Já que não consegue trabalho, pode fazer um curso, né”. (Moradora da Cidade de Deus)

“Eu gostaria de estudar, mas só que a escola é longe da minha casa, minha rua é deserta, então não tem jeito”. (Moradora de Marajoara)

“Porque o neném tá pequeno”. (Moradora de Marajoara)

“Eu não tenho desejo de voltar a estudar. Meu desejo já foi há muito tempo”. (Moradora de Marajoara)

“Não tenho vontade nem paciência”. (Moradora de Marajoara)

Conclusão

Conforme pode ser observado na descrição mais pormenorizada acima apresentada, as percepções dos participantes dos três grupos são frequentemente coincidentes ou aproximadas nos temas gerais, distinguindo-se em aspectos relacionados com as características mais próprias de cada território.

Quando indagados sobre suas condições de vida nos últimos dez anos, predomina amplamente a visão de que houve uma melhoria na condição de vida, destacando-se as oportunidades que se ampliaram para o emprego e a casa própria. Mas aparece nítida a avaliação de que nos últimos anos – mais precisamente a partir de 2014 – a vida tornou-se mais difícil. E, diante disso, prevalece também o receio de que essa piora vai se prolongar. Nesse pessimismo mais recente, o desemprego passa a ser a ameaça maior. Mais do que ameaça, diversos foram os depoimentos de participantes que perderam seus empregos e que não conseguem se recolocar no mercado de trabalho.

De fato, o exame dos dados do IBGE, oriundos da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RJ) confirma o que foi manifestado nos Grupos Focais, informando que, no trimestre de Jan-Fev-Mar de 2016, a taxa de desocupação das

peças de 14 anos ou mais foi de 9,2%, superando as do mesmo período em 2015, que foi de 6% e em 2014, de 7,1%. A tendência mostrada para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro é equivalente àquela constatada em nível nacional, quando um número muito elevado de postos de trabalho foram fechados e uma grande quantidade de pessoas passou a procurar trabalho e não conseguiu encontrar. Observe-se que a pesquisa do IBGE limita-se ao chamado desemprego aberto, ou seja, aquele que se refere a quem procura emprego nos últimos 30 dias, sem ter realizado nenhuma atividade nos sete dias anteriores à entrevista. Mas se for considerada a metodologia adotada pelo DIEESE/SEADE, este índice será bem maior, visto que além do desemprego aberto, também incorpora em seu índice o trabalho precário (desempregados que fizeram algum tipo de bico) e o desemprego pelo desalento (que buscou trabalho nos últimos 12 meses, mas que não foi bem sucedido e que deixou de procurar nos últimos 30 dias antes da pesquisa). Não se dispõe desse índice, porque não é calculado para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Dentro desse quadro de piora das condições econômicas dos participantes dos três grupos focais, preocupações acerca da alimentação e da capacidade de pagamento de dívidas já contraídas, bem como de contas mensais mostraram-se muito presentes. Foi também bastante ressaltada a alta dos preços em geral, seja dos alimentos, seja dos serviços, como mais um fator que fez a capacidade aquisitiva reduzir-se.

É nesse contexto, a partir do que é sentido no dia a dia, que a crise do país é percebida. O sentimento generalizado é que a crise chegou para todos. Todos opinam sobre a crise, atribuindo-a aos políticos, dentro de uma perspectiva que a política leva à crise e à corrupção. Aliás, a menção à corrupção ocorre, mas não domina a discussão. Se sentem vítimas da crise, mas não consideram que possam ter responsabilidade sobre ela. A partir do que comentam a respeito, atribuem a responsabilidade dela aos que estão “lá em cima”, separando do “nós embaixo”. Esta separação indica também o sentimento que não está representado na política. Quando perguntados como se informam sobre a crise, dão maior crédito às informações que chegam pelas redes sociais. Assistem as TVs, mas muitos desconfiam delas e de seus telejornais.

Vale citar, também, a relevância que dão ao problema da violência, como outro fator de peso na avaliação que fazem sobre suas condições de vida, com especial preocupação sobre o futuro dos filhos. Quanto a este aspecto, se de um lado consideram que as condições de vida serão melhores para os filhos, registram também a má qualidade atual do ensino e o aumento da violência como capazes de interromperem essa trajetória. Mas ressaltam as maiores possibilidades para estudar, que os jovens adquiriram. Ou seja, reconhecem o acesso, mas criticam a qualidade.

Não há consenso se a vida dos(as) participantes é melhor ou pior do que foi a dos pais. De um lado, dizem que não passam mais fome e outras necessidades vitais. De outro, avaliam que antes havia mais

emprego e que a vida era mais sossegada. Muitos(as) fizeram menção à vida ainda no campo, que viveram com seus pais, destacando os aspectos positivos e negativos da vida atual nas cidades.

Na provocação aos grupos para que falassem sobre suas aspirações observa-se alguma diferenciação, de acordo com o local aonde residem, seja pela proximidade ao centro (Cidade de Deus) ou não, pela densidade populacional (São Gonçalo) e ao próprio estado de pobreza mais presente em determinada localidade (Marajoara), quando comparada com as outras. Mas estas diferenciações limitam-se mais a uma manifestação de desejo de morar melhor, pois vêem o local aonde moram como uma ameaça aos filhos, o que depois entrará em contradição com a posição que não querem sair do lugar onde moram. Mas, na sua maioria, as aspirações giram em torno dos mesmos temas: felicidade dos filhos, casa própria, trabalho decente e fim da violência.

Quando discutem sobre a capacidade de consumo que possuem, aqueles que recebem o Bolsa Família destacam o peso e importância do programa, do qual consideram não poder prescindir. Um aspecto importante é que os mais pobres não conseguem se planejar. Como uma das participantes afirmou, “o amanhã não existe”. Considerando outras pesquisas já realizadas anteriormente parece que se perdeu o que antes estava começando a se organizar: o planejamento orçamentário das famílias. Com a crise, muitos(as) são obrigados(as) a viver o dia-a-dia, administrando suas dívidas e fazendo peripécias para continuarem a se alimentar. Porém, ainda não acusam situações de fome. A conduta que adotam é adquirir alimentos cada vez mais baratos.

Quanto aos serviços, confirma-se a hipótese prévia desse estudo se considerarmos a percepção e manifestação dos que participaram dos Grupos Focais. O tema dos serviços gera uma grande disposição de crítica e avaliações negativas. Também é o tema que traz mais frequentemente as narrações de preconceitos vividos pelos que usam esses serviços.

Na discussão sobre habitação, a casa é colocada como um valor especial, motivo de orgulho para os que a tem. Parece se dar menor importância à qualidade destas. Algumas das pessoas que manifestaram esse sentimento eram moradores em conjuntos do Minha Casa Minha Vida construídos por empreiteiras. Sabe-se dos problemas e precariedades dessas moradias. No entanto, não ocorreram manifestações nesse sentido. Geralmente, a violência é a grande queixa sobre o lugar aonde residem. Mesmo os problemas de saneamento ou transporte ficam encobertos ou minimizados frente a esta questão. Relatam que em muitos casos, os parentes ou pessoas próximas que não moram no mesmo território deixam de vir visitá-los com receio de viverem alguma situação de ameaça no local. Mas quando perguntados se gostariam de morar em outro local, a resposta é praticamente unânime: querem permanecer morando aonde atualmente vivem, percebendo-se que as relações sociais e de parentesco são o fator principal que justifica a permanência no local.

No tema da assistência social chamou atenção a avaliação dominante de que, diferente da maior parte dos outros serviços, o atendimento é feito com atenção e gentileza. Há uma satisfação em relação aos

Centros de Referência da Assistência Social (CRAS). Uma hipótese para explicar esse fato é de que provavelmente o atendimento é realizado por profissionais formados para lidarem com o público mais pobre. Nos outros serviços, os profissionais nem sempre tem esse perfil ou mais ainda, não são orientados para esse cuidado. Quando se discute a assistência social, o assunto central é o Programa Bolsa Família. Confirmam o que outras pesquisas já informaram: os recursos recebidos são dirigidos principalmente para a aquisição de alimentos. Para a grande maioria, o programa funciona como repassando recursos que são uma complementação à renda das famílias. Claro que isto varia conforme o grau de vulnerabilidade daqueles que recebem. Em Marajoara, aonde as pessoas são em geral mais pobres, a necessidade desse recurso é desde o início do mês, porque em certos casos sequer têm renda. Em Cidade de Deus, a necessidade aparece mais para o final do mês. Um ponto sempre valorizado – e isso é de fato uma marca do programa – é o reconhecimento que o dinheiro é certo e pontual na data de recebimento. Foi constatada alguma dificuldade de compreensão das regras do programa, particularmente porque uns recebem e outros não. Isso faz desencadear os relatos sobre pessoas que recebem e não deviam receber porque usam mal o dinheiro, bebem, etc. Quando indagados se o programa é um direito ou uma ajuda, as opiniões são variadas. Uns afirmam que o programa existe para compensar os erros dos governantes ou para compensar o imposto que é pago. Houve, em alguns casos, aqueles que demonstraram se sentirem culpados por serem pobres (preconceito sobre si próprios?). É importante lembrar que, como outros estudos já demonstraram, a compreensão sobre “ajuda” é muitas vezes diferente daquilo que se compreende como contraposição à noção de “direito”. Compreendem ajuda como uma quantia pequena, uma “ajudinha”. Assinale-se também que aparece entre depoimentos dos participantes a invocação a Deus, tomando como graça receberem recursos do Programa. E pouco reconhecimento sobre a conquista e/ou implementação de políticas públicas.

Quanto ao transporte, segundo o depoimento dos participantes, quanto mais afastado do centro, ele é mais precário. Isso tem um enorme impacto sobre a condição de vida dessas pessoas, podendo-se consumir perto de seis horas por dia, se o emprego/deslocamento é no Rio de Janeiro. Por isso, os moradores de favelas da capital – nesse caso Cidade de Deus - se consideram privilegiados. Reclama-se do custo da tarifa. No caso dos que moram mais distante, consideram que em alguns depoimentos os participantes ressaltaram que o problema do transporte prejudica inclusive arrumar emprego. Entretanto, em nossa avaliação, o problema do transporte na Região Metropolitana do Rio de Janeiro é ainda mais dramático do que foi descrito nos Grupos Focais. A falta de pontualidade; a insuficiência da oferta; os critérios para correção das tarifas, frequentemente favoráveis às empresas; o trânsito fortemente perturbado por inúmeras obras e a insegurança vivida nesses veículos, frente a assaltos e outras modalidades de violência sobretudo em relação às mulheres não apareceram nos relatos, na intensidade que se poderia prever. Também a questão do transporte ficou muito focada nos ônibus, fazendo-se pouca menção a outras modalidades, como trens, barcas, metrô e vans. Provavelmente os resultados da pesquisa quantitativa serão mais eloquentes.

No que se refere ao saneamento, as queixas foram generalizadas, nos três grupos focais, correspondendo ao que era esperado, conhecendo-se a precariedade desse serviço em áreas pobres, em todo o país, ainda que com demandas diferenciadas para cada município. Foi relativo à rede de esgotos que mais fortemente foi manifestada insatisfação, desde a situação muito precária em algumas áreas de Cidade de Deus e Jardim Catarina, até o caso mais extremo de Marajoara, aonde simplesmente inexistia a rede. Em Cidade de Deus ressaltou-se a frequência de entupimentos e em Jardim Catarina atribuiu-se os maiores problemas às obras do COMPERJ, que aliás se estende a todo São Gonçalo. Em menor proporção foi informado o não fornecimento de água em algumas áreas dos três municípios. Quanto ao recolhimento do lixo, foi reconhecida a regularidade da CONLURB, ainda que em alguns lugares isso ocorra somente um dia na semana. Há que se destacar, também, a tendência dos participantes em mencionarem bastante a falta de zelo e higiene de muitos moradores dessas áreas, podendo estar transferindo para os usuários a responsabilidade quanto à ineficiência desses serviços.

Pode-se afirmar que a segurança pública foi o serviço que revelou maior insatisfação para os participantes dos grupos focais. E o maior problema é identificado na polícia, pela forma como esta atua em Cidade de Deus e Jardim Catarina ou sua quase ausência em Marajoara. São muitos os relatos de acontecimentos em que pessoas não envolvidas são vítimas da violência de lado a lado (tráfico e polícia). Observou-se a existência de uma visão, que parece predominante e mais acentuada em Cidade de Deus, que todo policial é corrupto, da mesma forma como classificam os políticos. Relatam roubos, extorsões, ameaça às mulheres, etc. Referiram-se às leis internas do tráfico, sendo que alguns/algumas chegaram a afirmar preferi-las do que aos procedimentos policiais. Em Cidade de Deus denunciaram o preconceito dos policiais, que entendem que todo favelado é criminoso até que prove o contrário. Em Jardim Catarina destacou-se a frequência de pequenos assaltos. Em Marajoara, o medo de andar na rua. Na favela (Cidade de Deus) considera-se que os homens são mais atingidos pela violência. Nos outros dois municípios, as mulheres estariam mais expostas. No caso de Cidade de Deus, que possui Unidade Policial Pacificadora (UPP) desde fevereiro de 2009, os participantes consideram que ela perdeu a efetividade. Sentiu-se que existe uma indignação em face de diversos casos de corrupção e violências dos policiais dessa unidade e, mesmo não sendo todos os policiais que assim procedem, isso criou enorme desgaste e descrédito junto aos moradores da favela. Por fim, vale observar que a milícia foi muito pouco mencionada, nos três grupos, seja pela ausência dela nesses territórios, seja por outros motivos não identificados.

Também relativo à saúde, a avaliação é muito negativa, de forma quase generalizada. A principal reclamação, na maior parte das vezes, é sobre o tempo de espera, seja nos agendamentos, seja na demora para serem atendidos nas unidades de saúde. Nesse serviço observou-se que existe certa variação de lugar para lugar, sendo que nos territórios mais afastados o problema é mais agudo. Quando

o serviço é muito ruim ou escasso, a população daquele local procura atendimento em outro município, frequentemente sobrecarregando unidades de saúde desse município. Citou-se em Marajoara, que procura-se assistência em Queimados, por exemplo. As Unidades de Pronto Atendimento (UPA) também foram criticadas, repetindo-se as mesmas queixas feitas para as outras modalidades. Registrou-se, também, as dificuldades encontradas para tratamentos mais complexos. Quanto ao Programa de Saúde da Família (PSF), nem todas as áreas estão cobertas e a principal reclamação é a ausência de médicos. Surpreendeu a avaliação que fazem de que também no PSF aparece o interesse eleitoral.

Por fim, muitos dos participantes assinalaram que se viram forçados a procurarem assistência de particulares, frente às insuficiências nesse serviço público, o que causa impactos sobre seus orçamentos domésticos. O reconhecimento ao Sistema Único de Saúde (SUS) é muito pequeno, deixando de considerarem que passa por este sistema vacinações, farmácia popular e outros. Este serviço público tem como maior referência a figura do médico e a assistência dada por ele. Quando indagados se preferiam ter um Plano de Saúde, a grande maioria responde positivamente, aspirando poder usufruir de serviços de saúde privados.

Finalmente, quando é tratado o serviço da Educação, sobressaem manifestações que parecem ser contraditórias. Na Cidade de Deus, o problema da insegurança aparece com destaque, relatando-se diversas situações do espaço da escola ser utilizado como esconderijo ou corredor de fuga de pessoas ligadas ao tráfico de drogas e que são perseguidos pela polícia. A falta de professores foi apontada como um outro problema relevante nos três municípios, havendo a preocupação sobre os longos períodos de greve e sem aulas a que os alunos ficam sujeitos, com todos os prejuízos daí advindos. Sobre isto, as mães revelam forte preocupação sobre o risco que significa seus filhos em casa ou na rua, Iguamente, como já foi registrado acima, as dificuldades com o transporte de escolares são muito sentidas, principalmente em Marajoara. Mesmo com todas essas dificuldades, causou admiração a resposta sobre a preferência entre a escola pública e a privada, quando nos três grupos a manifestação majoritária foi para a primeira. Resposta bem diferente da que foi dada em relação à saúde. Ainda não é clara a interpretação sobre essa preferência. Afirmavam que nas localidades aonde seus filhos estudam, os professores das escolas públicas são, em geral, os mesmos das privadas e, considerando que uma é de graça e a outra paga, não haveria vantagem nessa troca. Mas pode-se supor, também, que efetuam uma comparação entre o que hoje é oferecido a seus filhos e o acesso à educação que tiveram.